



A *mimesis* nos Livros III e X da *República* de Platão

Helena Andrade Maronna

Graduação (USP)

Orientador: Prof. Daniel Rossi Nunes Lopes (USP)

Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar a questão da *mimesis* na *República* de Platão; que o leva a banir a poesia de sua cidade ideal e o porquê deste ataque. No início da *República* Platão aparenta assumir uma posição branda em relação à poesia imitativa, mas ao longo da obra a sua censura vai tornando-se cada vez mais violenta até culminar com o banimento do poeta de sua cidade ideal. Quando Platão desvela o seu maior ataque à poesia no Livro X, muita discussão já foi feita acerca da educação da cidade ideal e do cidadão ideal; paralelo entre o todo e a parte que Platão estabelece durante toda a exposição de sua doutrina. Apoiando-nos na crítica moderna sobre tal problemática pretendemos obter uma visão mais abrangente sobre os estudos da *mimesis* retratada nos Livros III e X da *República* de Platão.

Palavras-chave: Filosofia Antiga; Platão; República; mimesis

Mimesis in Book 3 and 10 of Plato's *Republic*

Abstract

The present study aims to investigate the question of the *mimesis* in Plato's *Republic*, what motivates him to banish the poetry of its ideal city and the reasons of this attack. At the beginning of the *Republic*, Plato seems to assume a lenient position on the imitative poetry, but throughout the dialogue his censorship becomes increasingly violent until culminating with the banishment of the poet from its ideal city. When Plato evinces his major attack against the poetry in Book X, much discussion had already been made concerning the ideal city's education and the ideal citizen by the parallel between the whole and the part that Plato establishes during the entire exposition of his doctrines. With the support of the modern critics about such problematic, we intend to get a more including understanding of the studies of *mimesis* in Books III and X of Plato's *Republic*.

Keywords: Ancient Philosophy, Plato, *Republic*, mimesis.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da poesia nos Livros III e X da *República* de Platão. Após uma longa exposição durante os Livros anteriores sobre a construção da cidade ideal, o filósofo, no Livro X, desvela o seu ataque final à poesia imitativa e acaba por bani-la de sua cidade, a *kallipolis*. A *República* tem como objetivo principal a investigação da natureza da justiça e, para tanto, Platão esboça uma cidade ideal onde a justiça seria incorporada em sua totalidade. Ao longo da obra, Platão estabelece um paralelo entre a cidade e o indivíduo, a perspectiva política da cidade e a perspectiva psicológica do indivíduo, o que segundo ele é essencial para a verdadeira compreensão das questões que serão tratadas. Enxergando o macrocosmo seria mais fácil compreendê-las no microcosmo, e assim toda a obra é pautada por essa analogia.

– Talvez num quadro maior, a justiça seja maior e mais fácil de estudar. Por conseguinte, se quiserdes, procuraremos antes a natureza da justiça nas cidades; em seguida, examiná-la-emos no indivíduo, de maneira a perceber a semelhança da grande na forma da pequena.¹

No primeiro momento da crítica à poesia, nos Livros II e III, o foco é a cidade e a educação dos Guardiões, mas no Livro X a poesia é encarada sob a perspectiva do indivíduo. A censura da poesia faz parte de um sistema educacional ideal, que, a princípio, é voltado para os Guardiões, cidadãos responsáveis por manter a ordem e fixar as regras. A poesia teria o poder de influenciar o indivíduo a ponto de comprometer a sua razão. Para chegar a essa conclusão é necessário passar brevemente pela concepção de Platão a respeito da alma, exposta no Livro IV, e pela sua Teoria das Formas, exposta nos Livros V-VII.

¹ *Rep.*, II, 369a.

A alma é dividida em três partes, segundo o filósofo: a racional, a apetitiva e a irascível. Porém, essa distinção, posteriormente no Livro X, vai se fazer somente entre a parte racional e a irracional. A parte contemplada pela poesia é justamente aquela que estimula na alma os elementos irracionais. A parte racional, considerada superior e responsável pela capacidade de pensar, é subvertida pela *mimesis* da poesia, influenciando o comportamento do indivíduo. A poesia, dessa forma, não pode ser considerada uma boa guia na conduta ética do cidadão. Quando Homero, por exemplo, retrata os deuses comportando-se de forma semelhante aos homens, brigando entre si, enganando homens ou sucumbindo aos seus instintos, ele estabelece padrões de comportamento viciosos como sendo aceitáveis, influenciando a sua audiência que vai aceitar tais comportamentos como legítimos.

Nesse ponto é necessário esclarecer o significado e a importância que a poesia tinha entre os gregos na Antiguidade. A palavra arte, como hoje é entendida, não tinha o mesmo sentido para os gregos. A palavra que traduzimos por arte, *tekhnē*, servia para designar qualquer ofício ou habilidade; o ofício da marcenaria ou da navegação, por exemplo, era considerado uma *tekhnē*. A poesia, a dança, a música e a pintura eram apenas outros tipos de *tekhnē*. Não havia a concepção estética que hoje está ligada à arte, e assim o ofício da poesia era ποιητική τέχνη, arte poética. A noção de arte dos gregos era certamente diversa da que hoje possuímos e quando admiramos as obras gregas da Antiguidade é com uma experiência diferente da que o fizeram os seus contemporâneos.

Segundo Havelock², a poesia àquela época era considerada como um modelo em que estavam implícitas as diretrizes de comportamento que norteavam, muitas vezes, a sociedade e de onde se retiravam os exemplos éticos. Tais obras eram compostas para serem cantadas em público e tinham um caráter educacional e moralizante, além de apenas deleitar os espectadores. A poesia era a depositária da

² Havelock, E. *Prefácio a Platão*. Campinas: Papirus, 1996. p.44.

tradição e reguladora dos costumes de uma sociedade essencialmente oral. Primordialmente, a poesia não era encarada como um texto escrito, mas como uma performance envolvendo discurso e música. O *pathos* de todos os envolvidos na execução – poeta, aedo, ator e espectador – era parte essencial do sucesso da poesia. É nesse contexto que a crítica de Platão faz sentido. A poesia tinha a função de educar e é sobre isso que Platão constrói toda a sua censura; com seu ataque à poesia, ele quer romper com essa “tradição”. Para ele, o indivíduo deve ser autônomo, cuja razão desempenhe retamente as suas funções. Não deve haver uma fusão do espectador com o que está sendo narrado. Como observa Havelock, “a doutrina da psique autônoma é a contrapartida da rejeição da cultura oral”³. A poesia para Platão tem um caráter perigoso, pois tem a capacidade de corromper a alma prejudicando seu acesso à verdade. A poesia, enquanto *mimesis*, não tem acesso à verdade e não pode, portanto, infundir este conhecimento na sua audiência, por isso é um veículo moralmente perigoso para a sociedade. O poeta não conhece a verdadeira essência da matéria de seus poemas, segundo Platão.

A Teoria das Formas vem justamente explicar o problema da verdadeira essência das coisas. Para cada classe de material há uma forma imaterial e una, existente apenas no mundo das ideias. Há no mundo inteligível (das ideias), por exemplo, a Forma-cama. No mundo sensível, o plano material, há as camas particulares, que podem ter aspectos diferentes, ou cores diferentes, mas que participam da Forma-cama e são realizações materiais da ideia de cama. A pintura de uma cama seria, portanto, a representação da realização material de uma cama particular e estaria, então, afastada em três graus da verdade. A pintura, sob esse prisma, participaria apenas da aparência de cama, e ainda, apenas de uma faceta dessa aparência, pois vista de outra perspectiva ela poderia ser diferente. A diferença não é apenas na aparência, mas também na qualidade da veracidade da representação. A

³ Idem, 1996, p.216.

Forma-cama não varia, é imutável e única, já a representação é múltipla e variável. A poesia tem o mesmo caráter da pintura; é imitativa e não tem acesso à verdadeira natureza da matéria que imita, sendo apenas um “fantasma” (φάντασμα) da realidade sensível e participando minimamente da essência da Forma no mundo inteligível.

Ao elaborar a sua cidade, Platão estabelece as regras que a fariam ideal e totalmente justa. A poesia imitativa se configura, então, como a forma errada da educação daquela época e por isso é necessário que ela seja excluída, para dar lugar a uma nova forma de educação. Platão não esclarece muito bem qual seria essa forma, mas no Livro II estabelece algumas regras que deveriam ser seguidas para que ela tivesse o seu lugar. Porém, no Livro X, depois de expor nos Livros intermediários a sua Teoria das Formas, que fundamenta a diferença entre ser e aparência, e a sua Teoria da Alma Tripartida, a poesia mimética não cabe mais na cidade e deve ser banida.

A discussão sobre a poesia tem início logo no Livro II, quando a cidade ideal começa a ser esboçada. Aqui a poesia é tratada como uma das duas partes essenciais da educação grega (*paideia*) e encarada em seu caráter coletivo. Platão critica a poesia por trazer modelos viciosos como sendo moralmente aceitáveis, e por conter em seu discurso (*logos*) uma mistura de elementos verdadeiros e elementos falsos. Essa alegação é apontada como o primeiro problema relativo à poesia. As crianças que crescem escutando essa poesia não poderão desenvolver um bom caráter. A princípio, Platão trata exclusivamente da educação dos Guardiões da cidade, cidadãos que teriam a função de regular as leis e manter a ordem; mais adiante, porém, parece que a sua doutrina se estende para todos os cidadãos da cidade. No Livro III, Platão continua desenvolvendo a sua censura à poesia, mas já aqui o foco é a forma, o *logos* da poesia. O filósofo faz uma distinção entre três tipos de narrativas possíveis: a narrativa simples, em que o poeta apenas faz uma narração em 3º pessoa, como são os ditirambos; a imitação (*mimesis*), em que o poeta procura assemelhar-se

à personagem através do discurso em 1º pessoa, como são a tragédia e a comédia; e por fim, a narrativa mista, em que os dois tipos de discursos são utilizados, cujo exemplo são as epopeias. Até aqui a distinção da poesia aparenta ser essencialmente formal e Platão conclui, aparentemente, que a narrativa ideal seria a mista⁴, mas que ainda assim, a maior parte do discurso deve ser o simples e a parte imitativa deve ser somente para imitar homens de bem, praticando o bem.

- Utilizará, pois, de uma forma de relato similar à que mencionamos, há um momento, a propósito dos versos de Homero, e seu discurso participará ao mesmo tempo da imitação e da narração simples, porém, num longo discurso, haverá apenas uma parte mínima de imitação.⁵

Logo no início do Livro X Platão faz referência a *mimesis* do Livro III e por meio de Sócrates congratula-se de ter banido da cidade o que na poesia imitativa houvesse de prejudicial.

- E por certo – reiniciei – embora tenha muitas outras razões para crer que a nossa cidade foi fundada da melhor maneira possível, é pensando principalmente em nosso regulamento sobre a poesia que o afirmo.
- Que regulamento? – perguntou.

⁴ Cf. Livro III , 396e, e mais adiante, 398a, quando Platão ainda admite alguns tipos de poeta na cidade, desde que se submetam às regras expostas neste Livro.

⁵ *Rep.*, III, 396e.

- O de não admitir, em caso algum, o quanto nela for de imitação. A absoluta necessidade de recusar a admiti-la é, suponho, o que aparece com mais evidência, agora que estabelecemos nítida distinção entre os diversos elementos da alma.⁶

Aqui já surge uma grande polêmica deste Livro: a *mimesis* discutida no Livro III seria a mesma que Platão passa a refutar no Livro X? No Livro III Platão considera a *mimesis* como sendo o discurso em 1º pessoa. Já no Livro X a *mimesis* aparenta ser mais abrangente referindo-se a todo tipo de representação poética. Agora, Homero já é considerado como sendo o grande líder dos tragediógrafos e passa a ser o principal alvo do filósofo. Por isso, é talvez com estranhamento que percebemos ao longo da obra que, apesar de dirigir nele o seu mais áspero ataque, ele utiliza diversas passagens do poeta para exemplificar modelos de conduta e endossar seu argumento. Platão admite o talento de Homero e admite em sua poesia alguma dose de verdade, mas é justamente essa mistura do que é verdadeiro e do que é falso e a falta de discernimento entre eles que é nociva. Na cidade ideal não há espaço para a poesia perigosa e perturbadora da razão que o poeta oferece. É isso que Platão discute no Livro X por meio dos exames metafísico, epistemológico, ético e, finalmente, psicológico da poesia imitativa. Aliás, é justamente o estatuto metafísico da poesia que confere um grande problema à compreensão do termo *mimesis* empregado por Platão ao longo da *República*. Pois, após definir que a *mimesis* se encontra em três graus afastada da verdade, como poderemos considerar que mesmo a poesia que se serve dos discursos em 3ª pessoa, não seria mimética?

⁶ *Rep.*, X, 595a.

À luz de estudiosos do assunto esta pesquisa pretende confrontar as opiniões e os estudos que vêm sendo colocados em discussão nos últimos anos sempre nos guiando pelo texto do filósofo em sua tradução para o português⁷. No momento atual trabalhamos com os textos de Jessica Moss e Halliwell, que propõem saídas diferentes para o termo *mimesis*. Moss em seu artigo intitulado “What is imitative poetry and why is it bad?”⁸, estabelece que para ela a poesia não é totalmente excluída da cidade ideal, mas somente o que nela houver de falso em relação à verdade, ou seja, no Livro X Platão condena não todo tipo de poesia, mas somente o que nela houver de imitativo. Já Halliwell⁹, em sua introdução à tradução do Livro X, assume que o termo *mimesis* é diferente nos dois momentos da crítica. No Livro X a *mimesis* é considerada inerentemente falsa mais do que somente capaz de expressar falsidade, e a crítica recai não só sobre a poesia, mas à arte representativa como um todo.

O estatuto ontológico da poesia abordado no Livro X também nos deixa com alguns problemas a mais: como explicar a permissão de alguns tipos de poesia na cidade, depois de considerar que toda representação é mimética? E, se toda a *mimesis* está três graus afastada da verdade, como considerar que alguma possa ter lugar na educação de uma cidade onde não é permitida nenhum tipo dela? Pois, para Platão, parece que há uma nova poesia a ser introduzida em sua cidade ideal. Aquela que falará de atos moralmente aceitos, que construam, determinem e incentivem o bom homem a ser cada vez melhor e sempre comprometido com a *kallipolis*. Mas, qual seria essa poesia e como ela deveria se estruturar para que possa ter acesso à verdade e deixar assim de ser *mimesis*?

⁷ Conforme tradução citada na bibliografia.

⁸ MOSS, J. What is imitative poetry and why is it bad? In: FERRARI, G. R. F. (Org). *The Cambridge Companion to Platos' Republic*. London: Cambridge University Press, 2007.

⁹ HALLIWELL, S. *Plato: Republic 10*. Warminster: Aris & Phillips, 1988.

Bibliografia

GUINSBURG, J. (Org.). *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

HALLIWELL, S. *Plato: Republic 10*. Warminster: Aris & Phillips, 1988.

MOSS, J. What is imitative poetry and why is it bad? In: FERRARI, G. R. F. (Org).
The Cambridge Companion to Platos' Republic. London: Cambridge
University Press, 2007.

MURRAY, P. *Plato on Poetry*. London: Cambridge University Press, 1996.



Recebido em Fevereiro de 2010
Aprovado em Abril de 2010